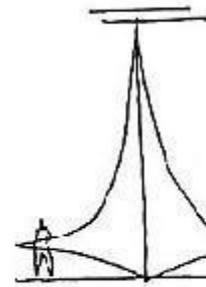


PROMETEUS
Filosofia em Revista
Universidade Federal de Sergipe
ano 6 n. 12 julho-dezembro de 2013



TRADUZIR : DO IMPOSSÍVEL AO DIFÍCIL EM TORNO DA CONCEPÇÃO RICŒURIANA DA TRADUÇÃO

Dr. Jean-Luc Amalric
Université Montpellier 3

RESUMO: O paradoxo – já bem conhecido – da tradução está no fato que há, e sempre houve, uma prática da tradução, e isto apesar de, no entanto, qualquer tradução ser de algum modo impossível, pelo próprio fato de acabar topando com certa intraduzibilidade estrutural de uma língua em outra. Esse artigo tenciona expor como Ricœur tenta responder a este paradoxo mostrando por um lado que as tentativas filosóficas visando dar ao problema da tradução uma solução teórica necessariamente fracassam e procurando por outro lado uma saída prática para o problema. A proposta de Ricœur é substituir a escolha paralisante do “traduzível versus intraduzível” pelas alternativas práticas mais fecundas da “fidelidade versus traição”; ele convida a considerar a tradução como algo arriscado e difícil, na medida em que se trata sempre de um trabalho que está em busca da sua própria teoria.

PALAVRES-CHAVE: Ricœur. Tradução. Interpretação.

ABSTRACT : The well-known paradox of translation rests upon the fact that there has always existed a translation practice, although any translation is, in a sense, impossible because it eventually faces the untranslatability of one language to another. This paper aims at exposing how Ricœur attempts to answer this paradox by showing that the philosophical attempts to give a theoretical solution to the problem of translation ultimately end in failure, prompting him to search for a practical exit from this dilemma. Ricœur’s proposal is to replace the speculative alternative “translatability versus untranslatability” with the practical alternative “faithfulness versus betrayal” and he invites us to consider translation as a risky and difficult work, constantly searching for its own theory.

KEYWORDS: Ricœur. Translation. Interpretation.

Introdução

O paradoxo – já bem conhecido – da tradução está no fato que há, e sempre houve, uma prática da tradução, e isto apesar de, no entanto, qualquer tradução ser de algum modo impossível, pelo próprio fato de acabar topando com certa intraduzibilidade estrutural de uma língua em outra.

Diante deste paradoxo, a concepção ricœuriana da tradução que tenciono expor nesse artigo consiste em mostrar que as tentativas filosóficas visando dar para o problema da tradução uma solução teórica necessariamente fracassam – sejam elas reconstruções imaginárias de uma língua originária, ou sejam elas, ao inverso, construções de uma língua artificial. Constatando esse impasse teórico, Ricœur identifica nisto o seguinte dilema: é intraduzível, logo, não traduzir ; ou, inversamente, está traduzido, logo, deve haver certo pressuposto teórico que justifique o fato da tradução, embora não se consiga apreendê-lo. E Ricœur não só identifica o dilema, como também diagnostica que a origem do dilema está numa fixação em posições teóricas. Adota, por conseguinte, uma posição original, preconizando certa “saída prática” para o dilema, ou ainda certa saída prática do problema.

A proposta de Ricœur, de fato, será de substituir a escolha paralisante embutida na alternativa “traduzível *versus* intraduzível” pelas alternativas mais fecundas da “fidelidade *versus* traição”; convidando neste sentido a considerar a tradução como uma operação arriscada e difícil por estar sempre em busca da sua própria teoria.

No fundo, o projeto de Ricœur é cercar aquilo que constitui a especificidade mesma do ato de traduzir. Nesta perspectiva, trata-se para ele a um só tempo de definir em que consiste exatamente este “fazer difícil” da tradução e de identificar o lugar próprio do ato de traduzir. Tentarei mostrar que para Ricœur o ato de traduzir define-se como atividade mista, situada a meio caminho do empírico e do transcendental. De fato, a tradução, misto de memória e de invenção, de intuição e de dedução, de arte e de

teoria, é uma atividade que oscila constantemente entre certa relação com a origem e certa busca do fundamento.

Porém, antes mesmo de definir precisamente o referido misto, é necessário frisar que há vários sentidos da própria palavra tradução, e conseqüentemente várias possibilidades de formulação do problema da tradução. A idéia encontra-se nos *Essais de linguistique générale*, no qual Jakobson distingue três formas de tradução que correspondem a três maneiras diversas de interpretar um signo lingüístico¹. Concretamente : devem ser distinguidas a) a “tradução intralingual”, ou seja, a reformulação que interpreta os signos lingüísticos com a ajuda de outros signos da mesma língua, de b) a “tradução interlingual”, que é a tradução propriamente dita, ou seja, a interpretação dos signos lingüísticos pelo intermédio de outra língua, e de c) a “tradução intersemiótica”, chamada transmutação, que interpreta signos lingüísticos vertendo em sistemas de signos não-lingüísticos.

Atendo-nos apenas ao campo da linguagem propriamente dita, e deixando de lado o caso da tradução intersemiótica, teríamos então, ainda assim, duas formulações do problema da tradução : a intralingual, tradução lato senso ; e a interlingual, tradução estrito senso. Numa primeira abordagem, a questão, tomando a tradução como interpretação de um conjunto significativo no âmbito de uma única comunidade lingüística, encontra pertinentes formulações com George Steiner, sobretudo em *Après Babel* ; onde se afirma decisivamente que compreender é traduzir. Numa segunda abordagem, o interesse recai principalmente sobre a transferência da mensagem verbal de uma língua para outra, salientando sobretudo o fato gritante da pluralidade das línguas. É o caso do Antoine Berman em *L'épreuve de l'étranger*.

Ora, Ricœur escolhe seguir esta segunda linha de pensamento, observando justamente que para discernir a especificidade do “fazer difícil” em que consiste a tradução, parece sempre melhor tomar como ponto de partida a diversidade das línguas, ou seja, a diferença entre o próprio e o estrangeiro. Isso porque para ele o interessante em tal abordagem é que ela cria as condições do pensamento da articulação entre

¹ Jakobson, 1963, p. 79.

tradução e interpretação ; não se perdendo em questões meramente técnicas que tornem inviável o riquíssimo problema da interpretação.

Em outras palavras : no ver de Ricœur, é preciso que se torne possível articular os dois sentidos da palavra traduzir, evitando dois equívocos. O primeiro estaria no fato de diluir o problema da tradução em alguma concepção mais abrangente do ato de traduzir, identificando tradução e interpretação, ou ainda tradução e compreensão. O segundo equívoco estaria, ao contrário, em reduzir a tradução a alguma função meramente técnica, ou ainda ao simples papel de transmissão, e de comunicação. Ora, ambas as reduções precisam ser evitadas no âmbito da reflexão sobre a prática da tradução.

O objetivo, neste caso, está em conseguir pensar certa correlação, ou até mesmo alguma interação entre aquilo que é por um lado uma *atividade de transferência* e por outro lado uma *atividade de compreensão*. Nesta perspectiva, o melhor ponto de partida ainda é, segundo Ricoeur, a abordagem do problema da tradução pelo ângulo de seu sentido mais estrito.

Os textos referenciais de Ricœur sobre o assunto encontram-se numa publicação (de 2004 ?) que tem por título : *Sur la traduction*. Reúnem-se no livro os três ensaios seguintes : “Défi et bonheur de la traduction”, “Le paradigme de la traduction” e ”Un passage : traduire l’intraduisible”. Minha proposta é restituir os dois tempos da argumentação ricœuriana sobre a questão da tradução. São eles 1) o momento teórico (que é, também, o momento crítico) e 2) o momento prático (e neste sentido, construtivo). A finalidade é mostrar os embates de uma reflexão que vem surgindo sob a forma de *renovação prática da problemática da tradução*.

1) O problema da impossibilidade teórica da tradução e seus impasses especulativos

O que é, para Ricœur, a referida impossibilidade da tradução, e quais são concretamente os impasses aos quais necessariamente leva qualquer pretensão de dar uma solução especulativa para este problema ?

A impossibilidade teórica da tradução está relacionada com *o fato da diversidade lingüística*. Ora, é este fato em si que surge como *enigma*. Porque não existe uma língua única ; e além disso, porque tantas línguas ? Como salienta Ricœur, qualquer critério de tipo darwiniano, baseado no conceito de utilidade, evocando a adaptação na luta pela sobrevivência, encontra-se desestabilizado decisivamente pela esquisitíssima proliferação das línguas na superfície terrestre (cinco ou seis mil, segundo os etnólogos). Tal multiplicidade não só pode parecer inútil, como também poderia ser considerada como algo nocivo para os seres humanos. Neste sentido, não só a confusão das línguas é fato enigmático. Também o próprio fato da diversidade lingüística parece entrar em contradição com a *competência universal para a linguagem*. Isto, que é uma competência própria do homem, pelo menos tanto quanto o uso da ferramenta técnica e a prática do sepultamento dos corpos, parece desvirtuado em sua universalidade mesma, por conta de sua “efetivação partida e disseminada”.

Tamanha diversidade, já em si enigmática, complica-se mais ainda, segundo Ricœur, original nesta postulação, por culpa de certo tipo de abordagem metafísica que acabou dramatizando a própria questão da possibilidade de traduzir.

A partir deste diagnóstico, Ricœur irá identificar duas alternativas teóricas que ele chama de “destrutivas e paralisantes” no que diz respeito à questão da tradução. Há na verdade, de fato, duas possibilidades. a) Ou as línguas são diversas, esta assertiva provando que são heterogêneas ; e neste caso, a tradução é teoricamente impossível, e as línguas são intraduzíveis *a priori*. b) Ou devemos admitir que a tradução existe - que ela é um fato : sempre houve intérpretes, viajantes, comerciantes, embaixadores e espiões. Neste segundo caso, a posição teórica consistirá em buscar para o fato uma explicação. Entretanto, do ponto de vista teórico, existe apenas *uma* explicação : a de que deve haver entre as línguas algo que se configura como um acervo comum às línguas. Nessa perspectiva, há ainda duas opções: de um acervo comum concebido como *língua originária* – à qual se deve retornar a fim de compreender a tradução ; ou de um acervo concebido como *língua universal* que precisa ser reconstruída logicamente de maneira que se entenda a tradução.

Resumidamente, há duas alternativas – a impossibilidade de traduzir, ou o acervo comum. E ainda duas pistas para pensar o acervo : língua originária ou língua universal.

a) No que tange a primeira alternativa, seria preciso indagar : o que torna a tradução teoricamente impossível ?

Segundo Ricœur, a tese do intraduzível é a conseqüência obrigatória de certo discurso etnolingüístico – em especial o de B. Lee Whorf e de E. Sapir. Etnolingüística esta que salienta sobretudo a impossibilidade de realizar com sucesso a superposição dos diversos recortes sobre os quais assentam por sua vez os múltiplos sistemas lingüísticos. De fato, é patente que a diversidade das línguas ocorre em diversos planos, e mais exatamente em cada um dos níveis operatórios da língua. 1) Primeiro, no plano do recorte fonético e articulatório que está ele próprio na base dos sistemas fonéticos (das vogais, consoantes, etc.). 2) Segundo, no plano do recorte conceitual através do qual se opõem as línguas, não de palavra contra palavra e sim de sistema lexical contra sistema lexical. 3) Terceiro, no plano do recorte sintático que fundamenta as várias gramáticas. 4) Quarto, as línguas não diferem só pela sua maneira de recortar o real, como também pela forma de recompor o real no discurso. Se, como observa Ricœur, as línguas também são diferentes em seu modo de recompor o real no discurso, então pode-se dizer que não só o recorte do real como também o sentido do referente variam de uma língua para outra. Daí a fórmula de Ricœur : “As frases do mundo inteiro flutuam entre os homens como borboletas inalcançáveis”². 5) Quinta e última diferença : há um intraduzível mais inquietante ainda, na medida em que traduzir não é só verter frases e sim lidar com textos e obras. Ora, tais textos e obras pertencem a conjuntos culturais através dos quais se expressam visões do mundo diferentes e radicalmente heterogêneas.

Levando em consideração o conjunto dos níveis operatórios da linguagem, segundo Ricœur, há mesmo que se concluir que “a tradução é em si impossível e que os indivíduos bilíngües só podem ser esquizofrênicos”³.

² Ricœur, 2004, p. 55, trad. J-L Amalric.

³ Ricœur, 2004, p. 29, trad. J-L Amalric.

b) No que diz respeito à segunda alternativa, isto é, à hipótese do *acervo comum*. Seria legítimo fundamentar a possibilidade do acervo apenas na própria existência fatural da tradução ? Existiria, haveria de existir alguma saída especulativa para o problema da tradução ?

Segundo Ricœur, duas vias especulativas se afirmaram ao longo da história deste problema. Quer o apelo para alguma hipotética *língua originária*, quer a construção de certa *língua artificial*. O raciocínio subjacente nos dois casos é o seguinte : se a tradução é possível, há de ser porque, por baixo da diversidade das línguas, existem estruturas ocultas, as quais, ou trazem marcas da língua originária perdida que é preciso reencontrar, ou consistem em códigos *a priori*, isto é, em estruturas universais e transcendentais que podem ser reconstruídas.

1. A via da língua originária

A via metafísica (e religiosa) mais antiga é a da *língua originária*, professada por diversas gnoses, pela Cabala e vários hermetismos. São concepções que vêm sempre acarretando a nostalgia da unidade originária. De certo modo, esta é ainda a idéia que inspira o ensaio de Walter Benjamin – “A tarefa do tradutor” – embora a nostalgia do originário neste texto inverta-se em expectativa escatológica. De fato, há no ensaio de Benjamin algo que ele chama de “língua pura” ou ainda de “língua da verdade”, a qual cumpre a função de horizonte messiânico do ato de traduzir, garantindo secretamente a convergência dos idiomas, quando ocorre com eles serem conduzidos ao ápice da criatividade poética.

Segundo Ricœur, a própria história de tais concepções metafísicas, especulativas e/ou teológicas demonstra a arbitrariedade destas tentativas de reconstrução imaginária da língua originária, pois qualquer que seja a forma da reconstrução adotada, a língua originária permanece sempre inencontrável. “Talvez, escreve Ricœur, seja até uma simples fantasia. A fantasia da origem tornada história, a recusa desesperada da

condição humana real, qual seja, a condição de pluralidade da qual a diversidade lingüística é a expressão mais instigante”⁴.

2. A via da língua universal enquanto língua artificial

Pode igualmente ser considerada como outra versão de uma procura apaixonada pela unidade a busca da língua perfeita, embora se arrisque por uma via aparentemente oposta. Na verdade, a única diferença neste caso está em não se procurar a unidade em alguma origem situada no tempo, buscando-a antes nos códigos *a priori* que constituiriam a princípio os alicerces da língua perfeita enquanto língua artificial. É justamente a este tipo de busca teórica e especulativa da língua universal que Umberto Eco dedicou-se no livro *A busca da língua perfeita na cultura européia*. Mas o projeto já se encontrava no *Novum Organon* (1620) de Bacon, no qual se estabelecia como meta eliminar as imperfeições das línguas naturais que estivessem na origem daquilo que ele, filósofo Bacon, chamava de “ídolos da língua”. Em seguida Leibniz iria dar forma a esta mesma exigência de perfeição, pensando-a como característica universal, e tendo como ambição fundamental a composição de um léxico igualmente universal das idéias simples, completado por um compêndio das regras de composição existentes entre estes verdadeiros átomos de pensamento.

Ricœur salienta com muita propriedade que tais tentativas para construir a língua perfeita e universal fracassaram, porque só podiam fracassar. Pois nesta discussão complexa e bastante técnica, evidenciam-se os dois principais escolhos contra os quais se chocam estas tentativas. O primeiro é que não existe minimamente um acordo a respeito do que seria a língua perfeita no que tange o léxico das idéias primitivas que deveriam, supostamente, entrar na sua composição. Não se pode enumerar completamente as idéias simples, porque o fazer supõe que haja previamente um inventário exaustivo de todas as línguas faladas. O segundo escolho é que ninguém sabe dizer como poderíamos estabelecer a *derivação das línguas naturais*, inclusive com suas idiossincrasias e esquisitices a partir da presumida língua perfeita. Como escreve

⁴ Ricœur, 2004, p. 58, trad. J-L Amalric.

então Ricœur : “ a distância entre a língua universal e a língua empírica, entre o *a priori* e o histórico parece um tanto intransponível”⁵.

Pelo menos uma lição pode ser aproveitada deste dupla busca fracassada da língua originária e da língua artificial, embora se trate de lição negativa a respeito do estatuto da linguagem. É que há, no fundo, duas maneiras de não alcançar a essência da atividade de tradução. A primeira, reduzindo a linguagem àquilo que seria pura história (ou ainda pura origem natural). A segunda, reduzindo a linguagem àquilo que seria pura lógica (ou ainda pura construção artificial). Porém, irreduzível a tais abordagens metafísicas, a linguagem, na verdade é acima de tudo uma *realidade mista* que entremeia constantemente duas dimensões, duas tendências ou duas dinâmicas. Isto é, a linguagem é ao mesmo tempo vida, força e também estrutura ; é ao mesmo tempo histórica e lógica, diacrônica e sincrônica, semântica e semiótica, empírica e transcendental. Não se reduz, a linguagem, nem a fundamento lógico nem a origem histórica, na medida em que existe e se forma enquanto tensão entre a dinâmica histórica e a dinâmica lógica.

E neste sentido, deslocar a questão da tradução do campo teórico para pensar a *tradução enquanto prática* será justamente tentar compreender o ato de traduzir partindo desta tensão viva das dinâmicas que explica a vida mesma das línguas.

2) O ato de traduzir enquanto reposta poético-prática às aporias teóricas e especulativas da tradução

Acabamos de ver o quanto são estéreis e sufocantes as alternativas puramente teóricas apresentadas para o problema da tradução. A questão de Ricœur que tenciono desenvolver na segunda parte da presente reflexão pode ser formulada da seguinte maneira : como realizar certa *saída prática* dessas alternativas danosas ? Como ultrapassar o dilema especulativo traduzibilidade versus intraduzibilidade, ultrapassando-o em direção de certa escolha prática do par *fidelidade* versus *traição* ? Em outros termos, como passar do *impossível* para o *difícil*, dando acesso à nova compreensão da tradução enquanto prática do “fazer difícil” ?

⁵ Ricœur, 2004, p. 32, trad. J-L Amalric.

O novo ponto de vista proposto por Ricoeur busca auxílio na exegese de Paul Beauchamp, releitor do mito de Babel; Beauchamp situa o mito na sequência dos primeiros capítulos da Gênese, os quais sugerem, segundo ele, o desenvolvimento de uma separação, assim como de uma diferenciação crescentes que acabam levando à situação descrita exatamente neste episódio. Na Gênese X, versículos 31-32, a diversidade das línguas é um fato natural. Nada indicando que seja fruto de uma condenação divina, o mito pode ser lido como uma *separação originária*, ao invés de uma catástrofe lingüística infringida aos homens por um Deus orgulhoso. Em outras palavras, confusão e dispersão das línguas, expostas ambas no mito de Babel, completariam uma história da separação que viria desde o início da Gênese, com a separação dos elementos cósmicos, a permitir a ordem do caos; a história continuaria com a perda da inocência e a expulsão do Éden, simbolizando a passagem para idade adulta, e prolongando-se ainda no fratricídio (com o assassinato de Abel) - quando a fraternidade deixa de ser um dado natural para se transformar num projeto ético.

Ricoeur irá dizer : “Depois de Babel, a tradução é a tarefa – não a obrigação, e sim a coisa a fazer para que a ação humana possa continuar”⁶. Neste sentido: “É através de algum fazer em busca de sua teoria, que a tradução vence o obstáculo da intraduzibilidade de uma língua na outra”⁷.

De fato a tradução, na prática, sempre esteve entre nós, e o fazer difícil já desde sempre teve início. Por isto, o tradutor vem sempre depois de algum outro ; e a tradução muitas vezes é a *retradução*. E se as traduções continuam ao longo da história, talvez seja por haver uma necessidade de tradução. Pois qualquer que seja a troca, o intercuro ou o intercâmbio humanos, precisa-se de tradução, quanto mais não seja por causa da impossibilidade de conhecer todas as línguas.

No entanto, Ricoeur quer mostrar que a atividade de tradução não se contenta com ser necessidade, e não se basta no suprimento de uma carência, porque procede do *desejo de traduzir*; ou ainda da pulsão de traduzir. Subjacente ao raciocínio consciente sobre a utilidade, traduzir provém da libido e de nossas tendências inconscientes. Muito

⁶ Ricoeur, 2004, p. 36, trad. J-L Amalric.

⁷ Ricoeur, 2004, p. 58, trad. J-L Amalric.

acima da reflexão sobre utilidade, vai também muito além, podendo se transformar num verdadeiro *processo criativo*, configurando desta maneira aquilo que é uma autêntica *dimensão ética*. Em outras palavras : existe no homem um desejo de traduzir muitas vezes obstruído por resistências, e que por isso mesmo pode eventualmente ter forma patológica.

Isso explica porque a tradução é vivida – pelo tradutor – como um *drama*. Mas pelas mesmas razões Ricœur enxerga neste desejo de traduzir a possibilidade de uma *sublimação criadora*, formulando a seguinte pergunta : em que condições tal sublimação criadora do nosso desejo de traduzir irá se tornar possível ?

a) Desejo de traduzir e “trabalho de tradução” : infortúnio e felicidade da tradução

Ricœur propõe de fato caracterizar o esforço difícil de sublimação do ato de traduzir mencionando a idéia de “trabalho da tradução”. Estabelece então, através da referida expressão, uma analogia entre a atividade tradutora e o conceito freudiano de “*trabalho de luto*”.

Na obra de Freud, o termo “trabalho de luto”, aparece no ensaio “Luto e melancolia” no livro *Metapsicologia*. Vem definindo o trabalho penoso e demorado no final do qual o ego aprende a obedecer à provação da realidade, quando abre mão do objeto amado e perdido para voltar a ser livre e desimpedido, disponível para novos investimentos libidinais.

No ver de Ricœur, a função do “trabalho de tradução” sempre envolve um trabalho de luto para o tradutor que precisa combater a sacralização da *língua dita materna* e a sua intolerância identitária, que podem levar à recusa sorrateira da provação do alheio. À maneira da compulsão de repetição, a recusa da tradução corre de fato o risco de tomar a forma de uma repetição do etnocentrismo lingüístico. Mas, por outro lado, a tradução enfrenta também outras resistências vindas do ponto de vista da *língua do estrangeiro*. Parece sempre preferível repetir o original, ou fazer o comentário infinito do original, a correr o risco de reescrever, porque reescrever requer uma distância irreduzível em relação ao original, envolvendo portanto certa dose de traição.

Por isso mesmo, segundo Ricœur, traduzir é sempre abrir mão do ideal da tradução perfeita, é deixar de lado o sonho de uma tradução que seja ganho sem perdas - sonho, de certo modo, dos românticos alemães, tanto de Novalis quanto dos irmãos Schlegel, ou ainda de Hölderlin tradutor de Sófocles. Se há um necessário trabalho de luto na tradução, está com certeza no fato de aceitar a diferença intransponível entre o próprio e o alheio, está na *coragem de assumir a problemática prática da fidelidade e da traição*.

b) A tradução como fidelidade criadora e como ética

É precisamente quando a tradução se compreende como um trabalho em busca de *fidelidade criadora* que fica mais clara a essência criadora do ato de traduzir. É também nessa hora que se evidencia o preço da criatividade na tradução - um preço, que é sempre a possibilidade da traição. Quando traduzimos estamos sem um terceiro texto ; não existe um texto portador do sentido idêntico que por suposição devesse circular do texto de partida em direção do texto de chegada. Nunca ficamos sabendo portanto se traduzimos bem. A partir daí, o que a tradução busca alcançar é apenas uma “*correspondência sem adequação*” ou, em outras palavras, uma “*equivalência sem identidade demonstrável do sentido*”. Neste sentido Ricœur escreve que : “a tradução é traição criadora do original, apropriação igualmente criadora passando pela língua hospitaleira, *construção do comparável*”⁸.

Neste ponto, pode-se retomar a idéia do duplo significado da palavra “tradução”, que em sentido amplo é *interpretação e compreensão*, e que em sentido mais restrito é *transferência*. Pode-se agora pensar uma articulação entre estes dois sentidos. De fato, na medida em que inexiste o terceiro texto, portador de um sentido idêntico, auxiliador da tradução, o que na verdade há é certa hermenêutica, capaz de participar do trabalho de reconstrução criativa do original. Dentro desta ótica, o papel seminal da interpretação no ato de traduzir está em sua capacidade de captar o que há de mais criativo no original, de maneira a guiar a reescritura do original na língua hospitaleira. Ricœur

⁸ Ricœur, 2004, p. 66, trad. J-L Amalric.

consegue portanto pensar a tradução como articulação dinâmica de um *processo de interpretação* e de um *processo de comunicação*, ou seja, de transferência de uma língua para outra.

Para Ricœur, traduzir é interpretar *para* comunicar, e a dialética da interpretação e da comunicação é sempre inacabada, por ser sempre aperfeiçoável. Até poderíamos dizer, neste sentido, que o fato de a tradução não ser definitivamente impossível deve-se seguramente ao fato que não terminamos nunca de traduzir, e em decorrência disto, de retraduzir. Há nisto certa força e alguma fragilidade. A fragilidade do ato de traduzir está em não haver qualquer verificação a não ser re-traduzir. A força do ato de traduzir é não haver qualquer outra escolha, a não ser prosseguir, teimando no desejo de traduzir. E afinal, não sabemos o que será traduzível amanhã; só podemos simplesmente esperar que as nossas retraduições venham a ser melhores do que as traduções anteriores.

Conclusão: Por uma ética da hospitalidade da linguagem

Para concluir, gostaria de evocar aquilo que Ricœur chama de “*dimensão ética*” do ato de traduzir. De fato, se abríamos mão das abordagens especulativas, se renunciarmos ao absoluto da linguagem una – ou seja – às línguas originária ou universal, então teremos que assumir a *pluralidade* como um fato intransponível da condição humana, e teremos que assumir igualmente a *provação do estrangeiro* como exigência fundamental da tradução. O respeito de ambas – aceitação da pluralidade e provação do estrangeiro implicam em implementar uma “*ética da hospitalidade da linguagem*”. Segundo Ricœur, toda tradução deveria buscar reunir o prazer de habitar a língua do outro com o prazer de receber em sua própria casa a palavra do estrangeiro.

Tentando pôr em situação esta ética da hospitalidade da linguagem, minha hipótese é que nossa situação histórica atual talvez nos dê acesso a uma nova compreensão do que é a tradução. Podemos formulá-lo em forma de paradoxo : nunca esteve tão universal a comunicação globalizada, e no entanto, talvez jamais tenhamos comunicado tão pouco. A mídia, o celular, a internet uniformizam e homogeneízam nossos sistemas de comunicação com base no desenvolvimento tecnológico mundial. Tornou-se lugar comum denunciar o desaparecimento dos dialetos e falares regionais, e

a proliferação de um idioma inglês paupérrimo, traduzível até por máquina, enquanto fenômenos decorrentes deste mesmo desenvolvimento tecnológico. Mas talvez a generalização da comunicação quase automática a que me refiro nos conscientize da urgência de redefinir a tarefa do tradutor, a fim de tornar possível a criação de alguma verdadeira comunicação entre culturas, através de um intercuro baseado na interpretação acolhedora do outro.

Precisamos desenhar uma “política da tradução”, escolhendo os textos mais criativos, traduzindo os mais altamente comunicáveis, privilegiando a tradução de textos pertencentes a línguas ou culturas dominadas. E traduzindo esses textos tanto para outras línguas de culturas dominantes quanto para outras línguas de culturas dominadas. Regenerar a tradução vai depender talvez deste duplo movimento de transferência de criatividade.

Enfim, poderíamos encarar a tradução enquanto esforço para lutar contra a aparência de simultaneidade, contra a falsa contemporaneidade das culturas, uma contemporaneidade que a globalização econômica finge produzir. Longe disto, nossas culturas ao contrário se regem por temporalidades diferentes, imprimem diversamente seu movimento, e por isso estão, na verdade, mais ou menos defasadas.

Nesta perspectiva, traduzir, poderia resultar, dentro da lógica da equivalência sem identidade, em procurar um ritmo comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BENJAMIN, Walter. *A Tarefa do tradutor*. Belo Horizonte, Tale, UFMG, 2008.
- BERMAN, Antoine. *L'Épreuve de l'étranger (Culture et traduction dans l'Allemagne romantique)*, Paris, Gallimard, 1995.
- ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita*. Trad. Antonio Angonese. Bauru : Edusc, 2001.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas volume 12. Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos*. Trad. Paulo Cesar de Souza. Companhia das letras, 2010.
- JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. Paris, Editions de Minuit, 1963.

RICŒUR, Paul. *Sur la traduction*. Paris, Bayard, 2004.

STEINER, Georges. *Après Babel*. Paris, Albin Michel, 1998.